



TEATRO  
NACIONAL  
S. JOAO

MOSTEIRO DE  
SÃO BENTO DA VITÓRIA  
27 ABR 2023

# MUSIC4L MENTE

Ciclo de  
concertos com  
prelúdios  
científicos

Mozart  
Joaquín Turina  
Schostakovich

qui—19:00

---

Filipe Pinto-Ribeiro (piano)  
Esther Hoppe (violino)  
Christian Poltéra (violoncelo)

## PROGRAMA

**Wolfgang Amadeus Mozart**  
(1756-1791)

- Trio KV 548
  - I. Allegro
  - II. Andante cantabile
  - III. Allegro

**Joaquín Turina** (1882-1949)

- Trio *Círculo*, op. 91
  - I. Amanecer
  - II. Mediodía
  - III. Crepúsculo

**Dmitri Schostakovich** (1906-75)

- Trio n.º 2, op. 67
  - I. Andante - Moderato
  - II. Allegro con brio
  - III. Largo
  - IV. Allegretto - Adagio

prelúdio científico  
Astrofísica e Música  
Vitor Cardoso

curadoria  
Filipe Pinto-Ribeiro

coorganização  
DSCH - Schostakovich Ensemble,  
Ministério da Ciência, Tecnologia  
e Ensino Superior, Teatro Nacional  
São João

---

dur. aprox. 1:45  
M/6 anos



# NOTAS AO PROGRAMA

BERNARDO MARIANO\*

## Mozart

Os seis trios com piano (sete, se incluirmos o *Kegelstatt*, KV 498) de Mozart estão todos em tonalidade maior e, à excepção do primeiro (escrito em Salzburgo, em 1776?), datam do período de Viena – aliás, escritos em dois anos específicos: 1786 (2, 3 e *Kegelstatt*) e 1788 (4, 5 e 6).

O KV 548 é o penúltimo do grupo e foi terminado a 14 de Julho de 1788 (de acordo com o catálogo pessoal de Mozart), meras três semanas após o precedente (KV 542) e na altura em que Mozart escrevia as três últimas sinfonias (nos. 39-41)! Foi editado no final desse ano, com o KV 502 (Nov., 1786) e o KV 542 pela casa Artaria (Viena), lendo-se no frontispício dessa edição, “Tre sonate per il clavicembalo o forte-piano”. O autógrafo encontra-se na Biblioteca Nacional Russa de São Petersburgo.

A voga desta particular combinação instrumental entre os burgueses e os nobres vienenses do tempo deve-se, por um lado, à expansão do *pianoforte* (cuja parte, mais exigente, era com grande frequência assegurada por senhoras/jovens mulheres) e, por outro, à relativa acessibilidade da escrita para as cordas, ao alcance de bons amadores. Outrossim, a parte de violino podia ser assumida pela flauta ou mesmo pelo clarinete, ao passo que o violoncelo tem um papel quase sempre mais secundário (mas a evolução será aí tendente a obter um jogo concertante entre os três).

No primeiro andamento (forma sonata), os dois temas são apresentados pelo piano. O Desenvolvimento visita tonalidades menores e compraz-se em cromatismos, num percurso da sombra para a luz. O segundo andamento, terno e delicado, é outra forma sonata (aqui, com a Recapitulação modificada), e de novo com os dois temas a cargo do piano, embora o segundo repartido com o violoncelo. O terceiro andamento, animado e brincalhão, é bem mais breve que os precedentes e está na forma rondó, com o tema-refrão sendo dado pelo piano e logo imitado no violino.

## Turina

Subintitulado “Fantasia para piano, violino e violoncelo”, *Círculo* foi terminado a 29 de Maio de 1936. É a obra mais tardia de Turina para esta combinação instrumental, que inclui um trio juvenil (escrito antes da sua ida para Paris) e dois trios de maturidade: o op. 35 (de 1926, que lhe valeu o Prémio Nacional de Música) e o op. 76 (de 1933).

O “círculo” a que se refere o título é o da rotação da Terra, que determina a unidade de duração *dia*, donde o propósito programático, evidente igualmente na denominação dos seus três andamentos: *Amanecer*, *Mediodía* e *Crepúsculo*.

A obra foi editada logo em 1936 pela Unión Musical Española e estreada a 1 de Março de 1942, no Ateneu de Madrid.

O andamento inicial, de feição toda ela francesa e construído com progressivas intensidade (do *pianissimo* ao *fortississimo*) e velocidade, percorre o tempo que vai da primeira alba (melodia inicial, misteriosa, no violoncelo) ao imperioso e vibrante nascer do sol (violino e violoncelo em escrita paralela), no final.

O segundo andamento está na forma tripartida (ABA), com B indicado *ritmado y con garbo*. Contrastando com o anterior, este andamento é todo ele *espanhol* e de escrita bem distribuída entre os três instrumentos, com as cordas explorando uma articulação evocativa da guitarra de flamenco e o piano exibindo um canto ao jeito *gitano*. No regresso de A, esse canto aparecerá “transferido” para as cordas, transitando esse *Mediodía* – dir-se-ia antes, culminando – directamente para o/no *Crepúsculo*, como se primeiro houvesse que descrever a zina de uma tarde andaluz. Esse andamento final exhibe um curioso abrandamento progressivo do *tempo* (do *Allegro vivace* com que abre ao *Lento* com que fecha), como se ilustrasse o progressivo declinar de uma esplendorosa tarde de Verão. Em paralelo, há também uma gradação dinâmica decrescente (do *fortissimo* ao *pianissimo*). Turina faz aqui uma aplicação dos princípios cíclicos de composição, assimilados na Schola Cantorum de Paris um quarto de século antes: regressa, entre outros,

o motivo principal de *Mediodía* e, na secção *Lento*, soa de novo o tema do *Amanecer*, desta feita ilustrando o pôr-do-sol. Como então, é dado no violoncelo, mas aqui no registo agudo. As duas cordas terminam de novo em escrita paralela, “pintando” já o cair da noite.

## Schostakovich

O Trio n.º 2 é uma das mais famosas criações de Schostakovich no domínio da música de câmara e, sem qualquer dúvida, um dos grandes trios com piano do século xx.

Tem uma correlação directa com a morte, a 11 de Fevereiro de 1944 (quando Schostakovich já iniciara a escrita da obra), do seu melhor amigo, o académico e grande amante de música Ivan Sollertinsky. Por essa via, o op. 67 inscreve-se na longa e brilhante galeria de trios com piano elegíacos da música russa, começando com Glinka e passando por Tchaikovski, Arensky e Rachmaninov.

Mas a sua carga emotiva pode igualmente estar relacionada com a tomada de conhecimento, nesta altura, por parte de Schostakovich e da opinião pública russa, do extermínio nazi dos judeus.

A estreia do Trio, dedicado a Sollertinsky, deu-se a 14 de Novembro de 1944, em Leninegrado (actual São Petersburgo).

A obra organiza-se em quatro andamentos, sendo que o andamento lento se encontra em terceira posição, funcionando o segundo, um *Allegro con brio* (na forma ABA' e indicado *marcatissimo, pesante*) – espécie de *Scherzo* endiabrado –, como reforço mais vertiginoso (mas também irónico, mormente na evocação de uma melodia tradicional russa na secção B) do ambiente plúmbeo e inquietante do andamento inicial. Esse primeiro andamento tem um início muito marcante, com uma melodia na gradação *piano*, toda ela em harmónicos, no violoncelo no registo agudo com surdina. Em termos formais, combina elementos imitativos (cânones e *fugati*) com a forma sonata.

O *Largo*, em si bemol menor, é uma *passaglia* e desenrola-se como uma desolada litania, um longo lamento desapossado de esperança. Liga directamente ao último anda-

mento, que traz uma *dança da morte*, tendo por tema principal uma melodia ao estilo *klezmer*. A secção B recorda, numa textura diferente, o tema principal do primeiro andamento. O regresso de A faz-se mais serenado, terminando esse andamento e a obra com um *Adagio* (que recorda o início do *Largo*), em jeito de epítáfio.

\* Musicólogo.

*Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.*



Filipe Pinto-Ribeiro

É um dos grandes pianistas portugueses da atualidade e um dos que mais reconhecimento internacional conquistaram enquanto solista e músico de câmara. Diplomado e doutorado pelo Conservatório Tchaikovski de Moscovo, onde estudou com Lyudmila Roschina, encetou desde então uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas mais conhecidas salas e com as principais orquestras portuguesas, e em alguns dos reputados palcos e séries de concertos da Europa e América do Norte. Momento importante no seu percurso foi a criação, em 2006, do DSCH – Schostakovich Ensemble (de que é diretor artístico), um agrupamento de geometria variável onde se tem reunido, ao longo dos últimos quase 20 anos, com muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo para concertos um pouco por todo o mundo. Foi também a partir desse Ensemble que criou em 2015 o Festival e a Academia Verão Clássico, que se realiza anualmente em Lisboa, hoje um dos mais importantes festivais e academias musicais de verão do mundo. É também diretor artístico do Festival de Música dos Capuchos e do Bragança ClassicFest. Da sua discografia, destaque-se, a solo, o CD *Piano Seasons*, com obras de Tchaikovski, Carrapatoso e Piazzolla/Nisinman e, em música de câmara, a integral para piano e cordas de Schostakovich e um disco com Trios de Beethoven, todos editados pela Paraty/Harmonia Mundi. Recebeu da marca de pianos Steinway & Sons a distinção de “Artista Steinway”, em 2014.



Esther Hoppe

Depois de estudar em Basileia, Filadélfia (no Curtis Institute of Music), Londres e Zurique, ganhou o 1.º Prémio na oitava edição do Concurso Internacional de Mozart, em Salzburgo. Pouco depois, fundou o Tecchler Trio, que venceu vários prémios em importantes concursos, como o ARD International Music Competition, de Munique, em 2007. Tem uma intensa atividade concertística, tendo tocado como solista com, entre outras, as seguintes orquestras: Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks, Münchener Kammerorchester, Orchestre Les Siècles, Kammerorchester Basel, Zürcher Kammerorchester. Os seus parceiros de música de câmara incluem Clemens e Veronika Hagen, Nicolas Altstaedt, Vilde Frang, Heinz Holliger, Elisabeth Leonskaja, Alexander Lonquich, Christian Poltéra e Ronald Brautigam. É convidada regular dos mais prestigiados festivais, como Lockenhaus, Ernen, Luzern, Gstaad, Delft, Prussia Cove e Styriarte. Gravou diversos CD aclamados pela crítica, para as editoras Virgin Classics, Neos, Concertus Records e Ars Musici. Desde 2013, é professora de violino na Universidade Mozarteum, em Salzburgo. Toca com o violino Stradivarius “De Ahna”, de 1722.



## Christian Poltéra

Nasceu em Zurique. Aluno de Nancy Chumachenco e de Boris Pergamenschikow, estudou depois com Heinrich Schiff, em Salzburgo e Viena. Como solista, toca com grandes orquestras, incluindo a Filarmónica de Munique, a Gewandhaus de Leipzig, as Filarmónicas de Los Angeles e de Oslo, a Orquestra da Accademia Nazionale di Santa Cecilia, de Roma, a Orquestra de Paris, a Sinfónica da BBC, a Orquestra de Câmara da Europa, e sob a direção de maestros como Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnányi, Andris Nelsons e John Eliot Gardiner. Dedicar-se também à música de câmara, ao lado de músicos como Gidon Kremer, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida, Lars

Vogt, Kathryn Stott, Esther Hoppe e Ronald Brautigam, e com os Quartetos Auryn e Zehetmair. Com Frank Peter Zimmermann e Antoine Tamestit, fundou e integra um trio de cordas, o Trio Zimmermann, que se apresenta nas mais prestigiosas salas de concertos e festivais em toda a Europa. Em 2004, recebeu o Prémio Borletti-Buitoni e foi um dos Artistas da Nova Geração, um projeto da BBC Radio 3. É convidado regular de festivais de renome (como os de Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena) e estreou-se nos BBC Proms em 2007. A sua discografia reflete um repertório variado, que inclui concertos de Antonín Dvořák, Henri Dutilleux, Witold Lutosławski, William Walton, Paul Hindemith e Samuel Barber, bem como música de câmara de Prokofiev, Fauré, Beethoven e Schubert. É professor da Universidade de Lucerna. Toca no famoso violoncelo Stradivarius “Mara”, de 1711.

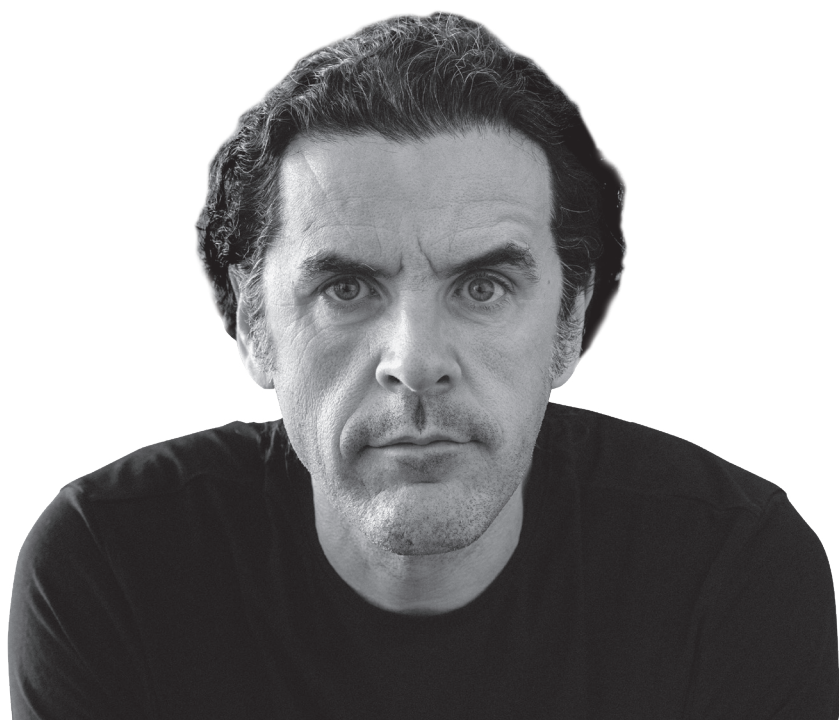
## **PRELÚDIO CIENTÍFICO**

### **BURACOS NEGROS, BURACOS MUDOS**

O universo está repleto de buracos negros, locais onde o tempo e o nosso conhecimento acabam. Como é que se estuda um buraco negro, e o que é que podemos aprender sobre eles? O físico Vitor Cardoso, um dos maiores especialistas mundiais em buracos negros e ondas gravitacionais, vai dizer-nos tudo o que não sabemos sobre estes furos no tecido do cosmos.

### **VÍTOR CARDOSO**

Professor Catedrático no Departamento de Física do Instituto Superior Técnico e no Instituto Niels Bohr da Universidade de Copenhaga, onde é Villum Investigator e DNRF Chair. Doutorou-se em Física no Instituto Superior Técnico e fez investigação de pós-doutoramento em Saint Louis (Missouri) e Oxford (Mississippi), nos Estados Unidos. Os seus interesses incidem sobre ondas gravitacionais, buracos negros e a física do espaço. Pioneiro em espectroscopia de buracos negros e testes da teoria de Einstein. É autor de um livro e de mais de 250 artigos publicados em revistas internacionais. A sua investigação foi distinguida três vezes pelo European Research Council. Em 2015, foi agraciado pelo Presidente da República com a Ordem Militar de Sant'Iago da Espada pelas suas contribuições para a ciência. É membro eleito da Academia de Ciências de Lisboa, membro fundador da Sociedade Portuguesa de Relatividade Geral e Gravitação, e membro do Conselho Científico da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



produção executiva  
**Mónica Rocha**

direção de palco  
**Emanuel Pina**

adjunto do diretor de palco  
**Filipe Silva**

direção de cena  
**Pedro Guimarães**

luz  
**Filipe Pinheiro**  
coordenação  
**Adão Gonçalves**  
**Alexandre Vieira**  
**José Rodrigues**  
**Nuno Gonçalves**  
**Marcelo Ribeiro**

maquinaria  
**Filipe Silva**  
coordenação  
**António Quaresma**  
**Joel Santos**  
**Jorge Silva**  
**Lídio Pontes**  
**Nuno Guedes**  
**Paulo Ferreira**

som  
**Joel Azevedo**  
coordenação  
**António Bica**

vídeo  
**Fernando Costa**

APOIO

Edição  
**Teatro Nacional São João**

coordenação  
**Fátima Castro Silva**

fotografia  
**Rita Carmo**  
(Filipe Pinto-Ribeiro)  
**Irène Zandel**  
(Esther Hoppe)  
**Nikolaj Lund**  
(Christian Poltéra)

design gráfico  
**Pedro Nora**

impressão  
**Empresa Diário do  
Porto, Lda.**

Não é permitido filmar,  
gravar ou fotografar  
durante o concerto. O uso  
de telemóveis e outros  
dispositivos eletrónicos é  
incómodo, tanto para os  
intérpretes como para os  
espectadores.

# PRÓXIMO CONCERTO

## 29 JUN 2023

**Filipe Pinto-Ribeiro** (piano)  
**Lars Anders Tomter** (viola)  
**Pascal Moraguès** (clarinete)

obras de  
**Robert Schumann** – *Contos de Fadas*, op. 132  
**Francis Poulenc** – Sonata, FP 184  
**Benjamin Britten** – *Lachrymae*, op. 48a  
**Max Bruch** – Peças op. 83

prelúdio científico:  
Matemática e Música, **Jorge Buescu**



### AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Porto  
Policia de Segurança Pública  
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

O TNSI É MEMBRO



MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

